

José Américo Miranda
(Organizador)

**POESIA BRASILEIRA
ÉPOCA BARROCA
II
ANTOLOGIA**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2004

Diretoria da Faculdade de Letras

Prof.^a Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Vice-Diretora

Prof.^a Verônica Benn-Ibler

Projeto Gráfico da Capa

Glória Campos

Preparação e revisão do texto

José Américo Miranda

Acabamento

Humberto Mendes

Endereço para correspondência:

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31.270-901. Belo Horizonte/MG

Fone/Fax: (31)3499-6007

E-mail: relin@letras.ufmg.br

publicacoesonline@hotmail.com

SUMÁRIO

JOSÉ DA CUNHA CARDOSO.....	7
SEBASTIÃO DA ROCHA PITA.....	9
GONÇALO SOARES DA FRANCA.....	12
JOÃO DE BRITO E LIMA	13
LUÍS CANELO DE NORONHA.....	14
ANDRÉ FIGUEIREDO MASCARENHAS	17
ANTÔNIO DE OLIVEIRA	18
JERÔNIMO RODRIGUES DE CASTRO	20
FRANCISCO PEREIRA DO LAGO BARRETO	21
ANTÔNIO NUNES DE SIQUEIRA.....	22
FRANCISCO PINHEIRO BARRETO	23
GERVÁSIO DE PILARES	24
JORGE DA SILVA PIRES.....	25
GERVÁSIO DAS MONTANHAS	26
ASCENSO DA ROCHA.....	27
ANASTÁCIO A. DE PENHAFIEL.....	28
MANUEL TAVARES DE SEQUEIRA E SÁ.....	30
DOMINGOS LOURENÇO DE CASTRO.....	31
ANTÔNIO GOMES FERRÃO CASTELO BRANCO	34
JOÃO BORGES DE BARROS	35
ALEXANDRE DE GUSMÃO.....	38
FREI MANUEL DE SANTA MARIA ITAPARICA	41

ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

JOSÉ DA CUNHA CARDOSO

Ao Sr. Presidente Seb.^{am} da Rocha Pita

Soneto

Rocha eminente, cuja prosa e metro
sobre as asas da fama aos astros voa,
porque a harmonia, que o teu plectro entoa,
mais mostra ser do Céu, que do Libetro,

é tanta a majestade do teu plectro,
que reverente o Sol desce em pessoa
a prostrar aos teus pés cetra, e coroa,
por honrar a coroa, e mais o cetra.

Quando em prosas discretas tanto avultas,
e tanto excedes do Caístro as aves,
vejo que a Homero, e Cícero sepultas.

Mas ignoro quais sejam mais suaves,
se em valente eloquência as prosas cultas,
se em furor elegante os versos graves.

Ao muito Reverendo Senhor Doutor João Borges de Barros

Décima

Meu Doutor, quem tão fecundo
Orando sabe ensinar,
Pode ignorâncias curar,
De que está enfermo o mundo.
Neste meu discurso fundo
(Se alguém doente se vê)
Que a melhor mezinha é
Tomar na Sé lições vossas,
Pois para ignorâncias nossas
Já temos cura na Sé.

Em louvor do Presidente o Pe. Manuel Serqueyra Leal

Soneto

Nos ecos do silêncio retumbante
Sois a pompa do horrísono instrumento,
Do côncavo da Lua o pavimento,
E do Trópico austral a estrela errante.

No calor furibundo e coruscante,
Que é lúbrico da inveja firmamento,
Fostes autor do paradoxo invento,
Raio nos episódios fulminante.

Calcitrante se encrespa, e se profunda
Vossa pluma no Letes, excedendo
Ao cultor que de Tróia os campos lava.

Vistes meu Manuel, tal barafunda?
Pois São Pedro me leve, se eu entendo
Disto que aqui vos disse, ûa palavra.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

Sobre a empresa da Academia, o Sol nascido no Ocidente.

Soneto

Mudou o Sol o Berço refulgente,
ou fez Berço do Túmulo arrogante
galhardo onde se punha agonizante
com luz no Ocaso, e sombras no Oriente.

Não morre agora o Sol, quer diferente
no Aspecto, se na vida semelhante
no Oriente nascer menos flamante,
e renascer mais belo no Ocidente.

Fênix de raios a uma, e outra parte
comunica os incêndios, e fulgores,
porém com diferença hoje os reparte.

Nasce lá no Oriente só em ardores,
no Ocidente a ilustrar Ciência, e Arte
renasce em luzes, vive em resplandores.

Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde.

Assunto heróico da presente conferência.

Soneto

Hoje faz anos, faustos, e constantes
O maior Rei, na Corte mais luzida,
Conta poucos na idade mais florida,
E muitos nas ações mais relevantes.

Se numera as virtudes por instantes,
Se em ânimo Real não tem medida
Não são, a encher o seu alento, e vida
Monarquias, nem séculos bastantes.

A carreira do tempo é curta empresa,
Os Reinos mais florentes infecundos,
O espaço de dous Orbes estreiteza,

E hão mister, atributos tão profundos,
Tal poder, tal valor, tanta grandeza,
Mais Anos, mais Impérios, novos Mundos.

Perdendo uma Senhora um grande bem, trazia muito na memória esquecer a perda dele.

Assunto lírico da presente conferência.

Soneto

O desvelo maior tem aplicado
Fílis para esquecer um bem perdido,
Mas como pode o bem ser esquecido,
Quando o próprio desvelo o faz lembrado?

Como pode o discurso desvelado
Ver-se do que imagina dissuadido?
Lembrar-se de esquecer traz no sentido,
E vem o esquecimento a ser cuidado.

Se da perda o descuido não tomasse
Por empresa, essa mágoa que padece
Fora possível, que lhe não lembrasse.

Mas a memória em Fílis permanece,
Pois se o descuido de cuidado nasce,
Do que quer esquecer se não esquece.

Quem cala vence.

Assunto heróico da presente conferência.

Soneto

Fala o Mar no contínuo movimento,
O fogo em línguas as Esferas toca,
A terra em terremotos abre a boca,
Em sibilantes sopros silva o vento.

Logo como a dizer seu sentimento
Uma alma racional se não provoca,
Quando o silêncio pelas vozes troca
Sem uso de razão cada Elemento?

Como pode vencer quem pouco ativo?
Não manda à boca, quanto o peito encerra,
E estando mudo, não parece vivo.

Só triunfa em falar, em calar erra,
O racional vivente discursivo
Falando o Vento, o Fogo, o Mar, e a Terra.

Amor com Amor se paga, e Amor com Amor se apaga.

Assunto lírico da presente conferência.

Soneto

Deste Apotema vigilante, e cego
Uma parte confirmo, outra reprovo,
Que o Amor com Amor se paga provo,
Que o Amor com Amor se apaga nego.

Tendo os Amores um igual sossego,
Se estão pagando a fé sempre de novo
Mas a crer que se apagam me não movo,
Sendo fogo, e matéria Amor, e emprego.

Se de incêndios costuma Amor nutrir-se,
Uma chama com outra há de aumentar-se,
Que em si mesmas não devem consumir-se.

Com razão deve logo duvidar-se
Quando um Amor com outro sabe unir-se
Como um fogo com outro há de apagar-se?

GONÇALO SOARES DA FRANCA

Abrindo-se a Academia da história do Brasil com o título – dos Esquecidos – debaixo da proteção do Exmo. Sr. Vasco Fernandes César, Vice-Rei e Capitão G. deste Estado, etc.

Soneto

Hoje que, remontada ao firmamento,
Fênix pertende do Brasil a história,
das flamas emplumar-se da memória,
sacudindo os carvões do esquecimento.

A vossa proteção o seu intento
com justa confiou digna vanglória,
que onde as armas, e as letras têm vitória,
têm os anos, e os tempos rendimento.

Não tema pois, a história a cinza obscena,
se eloqüente uma mão, e outra alentada,
põem na estampa dos Ceus qualquer Camena:

que era glória lograsse eternizada,
para os vôos, arrojados nessa pena,
para os rasgos, impulsos nessa espada.

Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa aia, filha dos Excelentíssimos Senhores Condes de Altamira.

Epitáfio

A que vês, ó caminhante,
(em desenganos da vida)
fixa estrela hoje luzida,
Luminar ontem errante,
a golpes dous num instante
deve a mudança, em que gira;
ao ponto da morte expira,
mas tanto sem sobressalto,
que acertou alvo tão alto,
porque pôs tão Alta a mira.

JOÃO DE BRITO E LIMA

Soneto

Por ínclito monarca não se aclama
O que aos dignos vassalos desestima.
Ou seu próprio valor em pouco estima,
Ou menos caso faz da sua fama.

Ama a honra quem seus vassalos ama;
Porque com eles seu poder sublima,
E sem que a sua glória a inveja oprima
Marte o laureia da Apolínea rama.

Por isso o luso Príncipe Perfeito
Dom João, no nome, em nada mais segundo
Não perdía aos vassalos do conceito:

Tinha de os conhecer gosto profundo
E havendo ao justo mérito respeito
Fazia o seu maior em todo o mundo.

LUÍS CANELO DE NORONHA

A empresa da Academia, “Sol oriens in Occiduo”. Décimas

Nascer o Sol no Ocidente,
quem jamais tal cousa viu,
se na oposição caiu
ser Sol posto, e Sol oriente?
Mas bem caiu, que um luzente
e mais gigante farol,
mostrando novo arrebol
quando aquele Sol caía,
Sol mais claro então se erguia
para ser o Sol do Sol.

Pôr o Oriente no Ocaso,
fazer do morrer nascer,
inui maior poder,
e faz assombroso o caso;
faz divina e não acaso
esta empresa, pois que assombra,
que se um Sol ao Sol assombra,
e o Sol u’a Sombra fica,
em que seja sombra rica
é do Sol o Sol a Sombra.

A Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz Soneto

Que choras Portugal? choro a Teresa:
Pois por quê? porque o pede, o meu tormento:
Que sentes? um profundo sentimento:
De quê? de se ausentar u’a beleza.

Para onde foi? subiu a sua alteza:
E que foi lá buscar? contentamento:
E que nos deixou cá? grande lamento:
E que sentes, amor? pura tristeza.

Pois, amor, não deploras tal partida,
Nem presumas que foi fatalidade
Em Teresa, tão nobre despedida;

Que como Fênix, não cedendo a idade,
Quis ao tempo usurpar a sua vida
Para dela fazer a Eternidade.

A Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz Soneto Saudoso

Destemperada Cítara, e quebrada,
Rouca voz, grave som, triste instrumento,
Suspende o canto, pára o pensamento,
Que a mente chora, e o silêncio brada!

Toda a solfa será desafinada
Se a Teresa só canta o sentimento,
Que este canta chorando o seu lamento,
E tu choras cantando, ó Musa amada.

Mas ai que delirante o teu cuidado,
Sem sentido ou cuidado em tanta mágoa,
Já de puro sentir não sente o fado!

Pois se é mar de saudade, e o peito frágua,
Brotará assim já o afeto equivocado
Em dilúvios de fogo, incêndios de água.

Ao 2.º Assunto

Mote

É fonte Pirene amante
por amor, por fé, por zelo,
por leal, fina, e constante.

Glosa em epílogos

Quem é que corre Faetonte? – É fonte.
Que fonte é esta perene? – Pirene.
Que mais é por lacrimante? – amante.
 Nesse pois Cristal undante,
 que ser líquido se crê,
 claramente se vê, que
 é fonte Pirene amante.

Por quem chora com tal dor? – por amor.
Por amor de Cincrias é? – por fé.
É por fé tanto desvelo? – por zelo.
 Por firmar do afeto o selo
 nesse pranto tão gigante,
 é fonte Pirene amante
 por amor, por fé, por zelo.

Por que causa é fonte tal? – por leal.
Que mais é por cristalina? – fina:
Sendo fina será amante? – constante.
 É logo fonte manante
 por cuidado, por desvelo,
 por amor, por fé, por zelo
 por leal, fina e constante.

ANDRÉ FIGUEIREDO MASCARENHAS

Cipião desterrado de Roma Soneto

Vendo Roma, que são prêmios escassos
Triunfos a Cipião quantos devia,
Ordena, que o desterro (ação impia!)
Da obrigação notória rompa os laços.

Como de Macedônia nos espaços
De Alexandre o valor já não cabia,
Mostra Roma que em si já não podia
Cipião receber ovantes passos.

A Cipião porém terror de Marte
Depois que África vence, e Ásia doma,
De si mui pouco vai, que Roma aparte.

Descuidado o desterro não o toma,
Que se o forte tem pátria em toda a parte,
Cipião em qualquer parte vive em Roma.

Amor com amor se apaga Soneto

Amor quando domina é tão isento,
Que despreza as ações inda mais finas,
Porque nem de finezas peregrinas
Se deixa suavizar o seu tormento.

Pois, como o raio, Amor, sempre violento,
Demonstrações talvez fazendo indignas,
Só se paga de estragos, e ruínas
Donde quer que respira o seu alento.

Mas se Amor tem de raio visos, logo
Não é muito que um peito, que ele estraga,
Em outro Amor não tenha desafogo.

Qual do raio veloz, que os ares vaga,
Só se chega a apagar com outro fogo,
Assi' um Amor com outro só se apaga.

ANTÔNIO DE OLIVEIRA

Aos nobilíssimos Acadêmicos no abrir da Academia Soneto Achado no Poema do Príncipe dos Poetas Espanhóis

	Canto	Oitava	Verso
Enchem-se os peitos todos de alegria	2	89	5
com tantas qualidades generosas,	1	74	6
que excedem as sonhadas fabulosas	1	11	6
as festas deste alegre e claro dia.	10	75	7
Eis aparecem logo em companhia	1	45	1
Musas de engrandecer-se desejosas,	1	11	4
que coroas vos tecem gloriosas	10	142	8
com mostras de devida cortesia.	1	56	4
Quanto pode de Atenas desejar-se	3	97	5
tudo o soberbo Apolo aqui reserva	3	97	6
no templo da suprema eternidade.	1	17	8
E de Helicon a Musas fez passar-se	3	97	3
o valeoroso ofício de Minerva	3	97	2
ilustrado com a régia dignidade.	10	54	3

Soneto em louvor do mui feliz e poderoso Rei de Portugal

Oh feliz Portugal
Mui suspensos estão
Vendo os quatro Impérios
Introduzidos
As Profecias já com
Louvam os teus progressos
(Tantas vezes por
Os quais fazem pasmar
Se o último Império é o
És tu o quinto Império
Neste QUINTO
Humildes já confessam
Os primeiros que em letras
Requintado és

Do teu aumento
Os mesmos Fados
Mui prezados
Iá no esquecimento
O complemento
Afamados
Muitos desejados)
O entendimento.
Quinto
Uventuroso
IOAM Rei soberano.
(No que sinto)
Tão pomposo
Ó quinto Lusitano.

Converte a Deusa Diana a Pirene em fonte.

Décima

Tanto Pirene chorou
Que em fonte se converteu:
Mas Diana que a ofendeu
Por que em fonte a transformou?
Porque como desejou
Ter uma fonte perene
(Qual a famosa Hipocrene)
De Pirene a fonte faz:
Porque no nome já traz
O ser perene Pirene.

JERÔNIMO RODRIGUES DE CASTRO

Pergunta-se quem mostrou ser mais amante

Clície do Sol, se Endimião da Lua?

Soneto

Clície ao Sol que os seus íntimos amores
ingrato desdenhou com aspereza,
amou firme, apurando a sua fineza
no terrível crisol de seus rigores.

Endimião, que os mais finos primores
de amor gozou da nítida Princesa
do etéreo firmamento, a sua beleza
amou também, rendido a seus favores.

A Lua a Endimião buscou constante,
Clície buscou ao Sol, com a evidência
de seguir-lhe o seu curso rutilante.

Assim fica bem clara a conseqüência,
que Clície mostrou que era mais amante,
que ao Sol amou sem ter correspondência.

FRANCISCO PEREIRA DO LAGO BARRETO

Qual mostrou ser mais amante Clície do Sol, ou Endimião da Lua?

Soneto

Em cuidados de afeto desvelada,
Clície o Amante adora mais luzido,
e quando este mais dela distraído,
tanto ela em seu amor mais inflamada.

Ama Endimião a Ninfa mais nevada
em delíquios de amor adormecido
e porque só então correspondido
por isso a mágoa então mais afinada.

Vê Clície desprezados seus amores
perde Endimião no sono a vista, e tino
para gozar da Lua altos favores.

Qualquer se ostenta amante peregrino,
pois apostar finezas com rigores
é fineza a maior de um amor fino.

ANTÔNIO NUNES DE SIQUEIRA

Ao Exmo. Sr. Vasco Frz César de Meneses, augustíssimo Vice-Rei deste Estado americano; Erector, e protetor desta sempre nobre Academia.

Soneto Acróstico

Voe da fama, ao sempre merecido
Aplauso, que vos deve eternamente,
Sonora tuba com trinado ardente,
Clamor perpétuo de eco enobrecido;
O vosso nome aclame, (que esculpido
Firme de bronze lâmina eminente
Expende) eternizando felizmente
Raro assombro, e jamais nunca excedido
Zenit: Diga que sois o mais glorioso
César, prodígio insigne da eloquência,
Exemplo singular do valeroso:
Sol, que com predigníssima excelência,
Ainda no Ocidente, luminoso
Repartis, sempre igual, vossa influência.

FRANCISCO PINHEIRO BARRETO

Ao Assunto Lírico Soneto

Do rigoroso inverno combatido
jaz o Álamo triste, e desfolhado,
que a um pobre a quem persegue o fado
a desnudez lhe serve de vestido.

A verde gala que o Abril florido
para ornato gentil lhe havia dado,
de pura inveja o vento lhe há levado,
só pelo ver no vale bem nascido.

Neste estrado fatal da sorte dura,
o remédio, com peito generoso,
a tanto mal a Hera lhe segura.

Abraça-se co tronco lastimoso:
ficam ambos coa mesma compostura,
fermosa a Hera, o Álamo pomposo.

GERVÁSIO DE PILARES

Ao Túmulo Soneto

Ó triste mausoléu! ó urna fria!
funesto monumento, sombra escura,
depósito fatal da formosura,
horroroso despojo da alegria.

Permite que te façam companhia,
as lágrimas que verto com ternura,
e sirva tanto mar de sepultura,
em que se oculte o Sol do melhor dia.

Mas se não tens da pedra a natureza,
quando pranto que é tão multiplicado,
não consegue abrandar tanta dureza:

deixa que nessa pira arda abrasado,
este meu coração logrando a empresa,
de ser em holocausto consagrado.

JORGE DA SILVA PIRES

Em louvor do Rmo. Presidente o Doutor João Álvares Soares Décima

João, vosso raro engenho,
vossa agudeza elegante,
lá para mais ao diante,
terá cabal desempenho:
quando do prelo o desenho,
vossas letras singulares
espalhar por esses ares,
para nos versos escritos,
da fama, em sonoros gritos,
por todo o mundo *soares*.

GERVÁSIO DAS MONTANHAS

A uma Dama Formosa sem dentes, que para encobrir a falta falava pouco Segundo assunto Soneto

U'a Formosa Dama; bem está.
Dizem mais que discreta; assim o ouvi.
Mas formosa, e sem dentes? tal não vi.
Mulher, e falar pouco? tal não há.

Quem tanta bizzarria louvará?
Eu não: porque não sei de quis, vel qui.
No ré, mi, fá, sol, lá, não sei do mi
Que no meu cantochão, só sei de fá.

Ser mais bela que o Sol; creio por fé.
Sol, porque das fermosas ela é só.
Mas desdentada, e bela; é ponto cru.

Cadmo me empreste os dentes, por quem é
Que mulher, que não diz pio, nem crô,
Faz consoantes A, E, I, O, U.

ASCENSO DA ROCHA

Ao muito Reverendo Presidente Doutor o Padre João Calmon, Chantre da S. Sé, Desembargador Eclesiástico, e Juiz de Casamentos, sobre o engenhoso discurso, que fez, presidindo, e orando na Academia Baiense. Outro (epigrama) joco-sério Sobre o nome de João, que quer dizer, Graça.

Se o mesmo é graça, que João,
o seu nome nos diz, que
vem a ser Vossa Mercê
todo graça em conclusão.
E nesta suposição
já não me admiro, que faça
u'a oração com tal traça,
com tal arte, e tal mestria,
que não sendo Ave Maria,
seja tão cheia de graça.

ANASTÁCIO A. DE PENHAFIEL

**Ao Excelentíssimo Senhor
Vasco Fernandes César de Meneses,
Vice-Rei do Estado do Brasil**

LABIRINTO CÚBICO

I N U T R O Q U E C E S A R
N I N U T R O Q U E C E S A
U N I N U T R O Q U E C E S
T U N I N U T R O Q U E C E
R T U N I N U T R O Q U E C
O R T U N I N U T R O Q U E
Q O R T U N I N U T R O Q U
U Q O R T U N I N U T R O Q
E U Q O R T U N I N U T R O
C E U Q O R T U N I N U T R
E C E U Q O R T U N I N U T
S E C E U Q O R T U N I N U
A S E C E U Q O R T U N I N
R A S E C E U Q O R T U N I

ACADEMIA DOS SELETOS

MANUEL TAVARES DE SEQUEIRA E SÁ

**ELOGIO EUTRAPÉLICO,
Crítico-Encomiástico, Seri-Faceto, Joco-Sério, Irônico-Enfático,
Metódico-Empírico, Médio-Jurídico, Cripto-Lógico, Antagonístico-
Erótico: Ao Eruditíssimo Acadêmico-Físico, o Doutor Mateus Saraiva,
usando nas sua Obras, de Agudos, e outras licenças, contra Crusca
Moderna, e Nova Reforma do Parnaso.
Soneto Semiagudo**

Meu Doutor: Dos Assuntos a até.....ria
exauristes Agudo de tal for.....ma
que esgotastes sutil por culta nor.....ma
da Hipocrene os Cristais, de Numa a Egé.....ria
Hoje alcança por Vós burlesco-sé.....ria
a Acadêmia feliz sábia refor.....ma
e Minerva, aprendida a Platafor.....ma
já, de Palas merece o soldo, ou fé.....ria
E enfim, quando prudente as Musas fri.....as
de Saraiva julgava nas empre.....sas
nunca as vi mais alegres em meus di.....as
Protestando ainda obrar por Vós fine.....zas
quando acharem nas Vossas Poesi.....as
em lugar dos Agudos, Agude.....zas

DOMINGOS LOURENÇO DE CASTRO

Soneto Quater Acróstico

D o Modulante	O rfeu	I nvicto, e	R aro,
O alento	E grégio	M ova	E ternamente,
I nvias	E sferas	O nde	I stantemente
L ustrosos	X efes	S ão luso	R eparo.
L usitânia em	C ântico	E xcelso,	E caro,
U ivas cante	E ntre	Ñ ós	
D iuturnamente			
S endo assunto	L uzido,	O que	E minente
T em sido	L uz do	R io, e seu	A mparo.
R ecite	E uropa	G rande a	N osso intento
I lustrada	N o plectro	O mais	D onoso
S er do	T onante	M ais	R arificado
S oberano,	Í nclito	E honroso	A ssento
I nste o Rio	S eu	S er de mais	D itoso
M ostrando-o em	S i na	F ama	A ltificado.

ACADEMIA BRASÍLICA DOS RENASCIDOS

ANTÔNIO GOMES FERRÃO CASTELO BRANCO

À abertura da Academia Brasília dos Renascidos da cidade da Bahia onde permitem os seus Estatutos, que se possam fazer obras em qualquer das cinco línguas: latina, portuguesa, espanhola, italiana e francesa.

Soneto

Messieurs, qu'il sot partout la bonne chère (?)
Placeat Academiam saltitare,
Sia un rivo e sai un mare,
A Hipocrene que as vozes nos tempere:

Le desir, que je porte de vous plaire,
Quivis me cogit linguis modulari,
Y, si errado tambien aquy os hablare,
Giusta scuza mi sia il mio piacere.

Congratulamini, sint ab hinc iniqua;
Et la Baie à la joie s'abandonne
Oy que nuestra Assemblea se publica,

In consigliarlo io son'un gran catone;
Ou, ao menos, hù gozo se explica
Di simile Babel la confusione.

JOÃO BORGES DE BARROS

Ao abrir-se a Academia Brasílica dos Renascidos, renascida da dos Esquecidos, debaixo da proteção de Sua Majestade.

Soneto

Tão brilhante não é quando amanhece
Do Sol, vencendo névoas, a luz pura,
Dissipando do Inverno a estação dura,
A Primavera tanto não floresce:

Como a luz que as idéias enriquece,
Como a pomba que os frutos assegura,
Nesta, que do descuido a sombra escura
Removendo, Acadêmia hoje aparece.

Nasce pois, brilha já e o tempo avaro
Do progresso feliz nunca te prive,
Como já cometeu, Liceu preclaro,

Um númen mais sublime hoje revive,
Do luso Jove enfim no régio amparo,
Abre flor, Sol renasce, Fênix vive.

OUTROS POETAS

ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Júpiter Supremo Deus do Olimpo

Númen que tens do mundo o regimento,
Se amas o bem, se odeias a maldade,
Como deixas com prêmio a iniquidade,
E assoçobrado ao são entendimento?

Como hei de crer qu'um imortal tormento,
Castigue a uma mortal leviandade?
Que seja ciência, amor ou piedade
Expor-me ao mal sem meu consentimento?

Guerras cruéis, fanáticos tiranos,
Raios, tremores, e as moléstias tristes,
Enchem o curso de pesados anos;

Se és Deus, s'isto prevês, e assim persistes,
Ou não fazes apreço dos humanos,
Ou qual dizem não és; ou não existes.

A uma pastora tão formosa como ingrata Écloga

Pastora a mais formosa e desumana,
Que fazes de matar-me alarde e gosto,
Como é possível, que a um tão lindo rosto
Unisse o céu uma alma tão tirana?

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces?
Tens duro coração mais que um rochedo;
Sou tigre, ou sou leão, que meta medo,
Que apenas tu me vês desapareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo,
Que o gado no redil deixei faminto,
O sol me fere a prumo e não o sinto,
A ovelha está a chamar-me e não lhe acudo.

Lá vai o tempo já, que em baile e canto,
Eu era no lugar o mais famoso;
Agora sempre aflito e pesaroso,
Tudo que sei é desfazer-me em pranto.

Há pouco que encontrei alguns pastores,
Que vão comigo ao monte após o gado,
E não me conheceram de mudado,
Que tal me tem parado os teus rigores!

Até o rebanho meu, que um dia viste
Tão nédio, antes que eu enlouquecesse,
Não come já, nem medra, e se emagrece,
Por dó que tem de ver-me andar tão triste.

Ele me guia a mim, não eu a ele,
Que vou nos meus pesares enlevado:
Bem pode o lobo vir matar-me o gado
À minha vista, sem que eu dê fé dele.

Não sei que nuvem trago neste peito
Que tudo quanto vejo me escurece;
A flor do campo parda me parece
E até o mesmo sol acho imperfeito.

Do alegre prado fujo, e só no escuro
Da serra me retiro entre os rochedos,
Ali pergunto às feras e aos penedos
Se alguém há mais cruel que tu e duro.

Ali ouço soar rompendo o mato
Dos ribeirinhos as saudosas águas,
E em competência vão as minhas mágoas
Dos olhos despedindo outro regato.

O mal, que me sucede, eu o mereço,
Que ingrato desprezei quem me queria;
Agora se me vê faz zombaria,
Que bem vingada está no que eu padeço.

Então o que era amor, não conhecia
Também me ria do tormento alheio;
Quão cedo (ainda mal!) o tempo veio,
Que já conheço mais do que eu queria!

Não me desprezes, não, gentil pastora,
Que igual castigo amor talvez te guarda;
Não sejas à piedade avessa e tarda,
Tem dó de maltratar a quem te adora.

FREI MANUEL DE SANTA MARIA ITAPARICA

Descrição do inferno (do canto II de *Eustáquidos*)

I

Já a nadadora e côncava carina
Partia espumas nítidas de argento,
Vangloriando em Aula Netunina
Ave de pinho, airoso movimento;
E profanando a pompa cristalina,
De linho as asas lhe assoprava o vento,
Fazendo no vigor com que respira
Voar um tronco em campos de Zafira.

II

O nauta rude, o passageiro triste,
Este saudoso, aquele de contente,
Lassa a cabeça no convés persiste,
Sobe ligeiro o áspero rudente:
Tudo sem ordem e confuso assiste,
Quando o Piloto na arte diligente
Convoca a todos, porque ver queria
Quantas pessoas em a Nau trazia.

III

Enquanto isto se passa no Navio,
Lúcifer infernal, Plutão horrendo,
Que desque se banhou no sacro rio
Eustáquio estava de furor ardendo,
Opondo todo o seu veneno, e brio,
E com aulidos fúnebres gemendo,
Quer estorvar aos pobres Peregrinos,
Que não prossigam seus santos destinos.

IV

Jaz no centro da Terra uma caverna
De áspero, tosco e lúgubre edifício,
Onde nunca do Sol entrou lucerna,
Nem de pequena luz se viu indício.
Ali o horror e a sombra é sempiterna
Por um pungente e fúnebre artifício,
Cujas fenestras, que tu Monstro inflamas,
Respiradouros são de negras chamas.

V

Rodeiam este Alcáçar desditoso
Lagos imundos de palustres águas,
Onde um tremor e horror caliginoso
Penas descobre, desentranha mágoas:
Fontes heladas, fumo tenebroso,
Congelam ondas, e maquinam fráguas,
Mesclando em um confuso de crueldades
Chamas a neve, o fogo frialdades.

VI

Ardente serpe de sulfúreas chamas
Os centros gira deste Alvergue umbroso,
São as faíscas hórridas escamas,
E o fumo negro dente venenoso:
As lavaredas das volantes flamas
Asas compõem ao Monstro tenebroso,
Que quanto queima, despedaça e come,
Isso mesmo alimenta, que consome.

VII

Um negro arroio em pálida corrente
Irado ali se troce tão furioso,
Que é no que morde horrífica serpente,
E no que inficiona Áspide horroroso:
Fétido vapor, negro e pestilente
Exala de seu seio tão raivoso,
Que lá no centro sempre agonizado
De peste e sombras mostra ser formado.

VIII

As densas névoas, as opacas sombras
Tanto encapotam a aspereza inculta,
Que em negra tumba, fúnebres alfombras
Parece a mesma noite se sepulta:
Fantasmas tristes, que tu Erebo assombras,
Terroros causam onde mais avulta
O rouco som de aulidos estridentes,
O triste estrondo do ranger dos dentes.

IX

Angústias, dores, pena e sentimento,
Suspiros, ânsias e penalidades,
Gemidos tristes e cruel tormento,
Furores, raivas, iras e crueldades,
Em um continuado movimento,
Por todo o tempo e todas as idades
Tanto a matéria, que criam, destroçam,
Quanto a matéria, que destroem, remoçam.

X

Revolvendo-se em chamas crepitantes
Ali está Judas numa cama ardente,
No coração tem víboras flamantes,
Na língua um Áspid feio e pestilente:
Geme e suspira todos os instantes,
Blasfema irado, ruge impaciente,
Tendo a seu lado Herodes e Pilatos,
Anás, Caifás e outros mentecatos.

XI

Jaz em um lago graviovente e imundo,
O Arqui-sectário Árábigo e Agareno,
Que perdição quis ser de quase um Mundo,
Patrocinando o vício vil terreno:
De uma parte submerso no profundo,
De si mesmo furor, peste e veneno,
Está Calvino, e de outra, agonizando,
Lutero em fogo e água ardendo e helando.

XII

Preso num Calabouço tenebroso
Está Alexandre em um nevado rio,
Que ainda agora por muito cobiçoso
Temem queira do inferno o senhorio:
Em um vulcão de chamas horroroso
Estão Besso, Xerxes, Cévola e Dario,
Aurélio, César e Domiciano,
Augusto, Nero, Tito e Juliano.

XIII

Enfim ali de todas as idades,
De todas as Nações em desatinos
Se vêem penar à força de crueldades
Homens, mulheres, velhos e meninos:
Uns entre as neves e as voracidades
Do fogo ardente, e alguns entre os malinos
Áspides, Butres, Víboras, Serpentes,
Que os tragam e consomem com seus dentes.

XIV

Mas quanto pode a humana fantasia
Cuidar desta masmorra horrenda e escura,
E quanto pode a livre Poesia
Fingir em vã e apócrifa pintura,
É uma boa e própria alegoria,
Com uma Metafórica escultura,
Que o inferno só consiste, e o vil gusano,
Nas penas dos sentidos e do dano.

XV

Em o mais alto deste sólio infando,
Em um trono de chamas sempre ardentes
Jaz Lúcifer, a quem estão tragando
Áspides negros, serpes pestilentes;
Ele com ira e com furor bramando
Se despedaça com agudos dentes,
Sendo para seu dano e eterno fado
De si próprio Fiscal e Algoz irado.

XVI

Víboras por cabelos cento a cento,
Por olhos tem dous Etnas denegridos,
Por boca um Cocodrilo truculento,
Por mãos dous Basiliscos retrocidos,
Por cérebro a soberba, e o tormento
Por coração, por membros os latidos,
Por pernas duas cobras sibilantes,
Por pés dous Mongibelos tem flamantes.

XVII

Aquilo mesmo crê de que duvida,
Tem fastio do mesmo, que apetece,
O que não quer para isso se convida,
E afeta aquilo tudo, que aborrece:
Quando quer repousar então mais lida,
Quando abrandar-se muito se enfurece,
Ânsias são gostos, penas desafogo,
Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

O novo mundo
(do canto V de *Eustáquidos*)

XIII

Em um vasto me achei, e novo Mundo,
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo,
Nunca ategora de algum lenho arado:
O clima alegre, fértil e jucundo,
E o chão de árvores muitas povoado,
E no verdor das folhas julguei que era
Ali sempre contínua a Primavera.

XIV

Delas estavam pomos pendurados
Diversos na fragância e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão, e sem cultura;
E entre os troncos muitos levantados,
Que ainda a fantasia me figura,
Havia um pau de tinta mui fecunda,
Transparente na cor, e rubicunda.

XV

Pássaros muitos de diversas cores
Se viam várias ondas transformando,
E dos troncos suavíssimos licores
Em cópia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandeza superiores,
E animais quadrúpedes saltando,
A Terra tem do metal louro as veias,
Que de alguns rios se acha nas areias.

XVI

E quando a vista estava apascentando
Destas cousas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando,
De desmarcada e incógnita estatura:
Com sobressalto os olhos fui firmando
Naquela sempre móvel criatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que vários rostos sempre me mostrava.

XVII

Tinha os cabelos brancos como a neve
Pela velhice muita carcomidos,
E só com penas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pesados mais vestidos:
Andava sempre, mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um báculo em as mãos acomodava,
Do qual para o passeio se ajudava.

XVIII

Fiquei desta visão maravilhado,
Como quem de tais Monstros não sabia,
E logo perguntei sobressaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Ele virando o rosto remendado,
De cor da escura noute e claro dia,
Que eu era, respondeu, quem procurava,
E que Pósteros, disse, se chamava.

XIX

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e ocultada,
Quando eu velho for mais envelhecendo
De um Rei grande há de ser avassalada:
Não te posso dizer o como, e sendo
Esta notícia a outros reservada:
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados séculos futuros.

XX

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a falar-te desta moda,
Mas de outra cousa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te acomoda:
Bem podes começar dela a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que não estejas cuidadoso,
Quero dar-te a noticiosa pressagioso.

XXI

Naquela (e me mostrou uma grande Ilha,
Formosa, fresca, fértil e aprazível,
A quem Netuno o seu Tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensível)
Há de vestir a pueril mantilha,
Depois de nela ter a aura visível,
Um que para que a ti versos ordene,
Há de beber da fonte de Hipocrene.

XXII

Este pois lá num século futuro,
Posto que dela ausente e apartado,
Porque cos filhos sempre foi perjuro
O pátrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrínseca, e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e desses dous dessa pousada
Há de cantar com lira temperada.

XXIII

Aqui fez termo o velho, sufocando
A voz dentro do escuro e oculto peito,
Nunca do seu passeio descansando,
Nem quando me explicava o alto conceito:
Eu do letargo atônito despertando
Me alegrei de ver cousas deste jeito,
E vede que julgais, ó companheiros,
Que os sonhos são às vezes verdadeiros.

DESCRIÇÃO DA ILHA DE ITAPARICA

TERMO DA CIDADE DA BAHIA

Canto Heróico

I

Cantar procuro, descrever intento,
Em um Heróico verso, e sonoro,
Aquela que me deu o nascimento,
Pátria feliz, que tive por ditoso:
Ao menos co'este humilde rendimento
Quero mostrar lhe sou afetuoso,
Porque é de ânimo vil e fementido
O que à Pátria não é agradecido.

II

Se nasceste no Ponto, ou Líbia ardente,
Se no Píndaro viste a aura primeira,
Se nos Alpes, ou Etna comburente,
Princípio houveste na vital carreira,
Nunca queiras, Leitor, se delinqüente,
Negando a tua Pátria verdadeira,
Que assim mostras herdaste venturoso
Ânimo heróico, peito generoso.

III

Musa, que no florido de meus anos
Teu furor tantas vezes me inspiraste,
E na idade em que vêm os desenganos
Também sempre fiel me acompanhaste,
Tu, que influxos repartes soberanos
Desse monte Helicon, que já pisaste,
Agora me concede o que te peço,
Para seguir seguro o que começo.

IV

Em o Brasil, Província desejada
Pelo metal luzente, que em si cria,
Que antigamente descoberta e achada
Foi de Cabral, que os mares discorria,
Perto donde está hoje situada
A opulenta e ilustríssima Bahia,
Jaz a ilha chamada *Itaparica*,
A qual no nome tem também ser rica.

V

Está posta bem defronte da Cidade,
Só três léguas distante, e os moradores
Daquela a esta vêm com brevidade,
Se não faltam do Zéfiro os favores;
E ainda quando com ferocidade
Éolo está mostrando os seus rigores,
Para a Corte navegam, sem que cessem,
E parece que os ventos lhe obedecem.

VI

Por uma e outra parte rodeada
De Netuno se vê tão arrogante,
Que algumas vezes com porcela irada
Enfia o melancólico semblante;
E como a tem por sua, e tão amada,
Por lhe pagar fiel foros de amante,
Muitas vezes também serenamente
Tem encostado nela o seu Tridente.

VII

Se a Deusa Citeréia conheceria
Desta Ilha celebrada a formosura,
Eu fico que a Netuno prometera
O que a outros negou cruel e dura:
Então de boa mente lhe oferecera
Entre incêndios de fogo a neve pura,
E se de alguma sorte a alcançara,
Por esta a sua Chipre desprezara.

VIII

Pela costa do mar a branca areia
É para a vista objeto delicioso,
Onde passeia a Ninfa Galatéia
Com acompanhamento numeroso;
E quando mais galante se recreia
Com aspecto gentil, donaire airoso,
Começa a semear das roupas belas
Conchinhas brancas, ruivas e amarelas.

IX

Aqui se cria o peixe copioso,
E os vastos pescadores em saveiros
Não receando o Elemento undoso,
Neste exercício estão dias inteiros;
E quando Áquilo e Bóreas proceloso
Com fúria os acomete, eles ligeiros
Colhendo as velas brancas, ou vermelhas,
Se acomodam cos remos em parelhas.

X

Neste porém marítimo regalo
Uns as redes estendem diligentes,
Outros com força, indústria e intervalo
Estão batendo as ondas transparentes:
Outros noutra baixel sem muito abalo
Levantam cobiçosos e contentes
Uma rede, que chamam Zangareia,
Para os saltantes peixes forte teia.

XI

Qual aranha sagaz e ardilosa
Nos ares forma com sutil fio
Um labirinto tal, que a cautelosa
Mosca nele ficou sem alvedrio,
E assim com esta manha industriosa
Da mísera vem ter o senhorio,
Tais são com esta rede os pescadores
Para prender os mudos nadadores.

XII

Outros também por modo diferente,
Tendo as redes lançadas em seu seio,
Nas coroas estão postos firmemente,
Sem que tenham do pélagos receio:
Cada qual puxa as cordas diligente,
E os peixes vão fugindo para o meio,
Té que aos impulsos do robusto braço
Vêm a colher os míseros no laço.

XIII

Nos baixos do mar outros tarrafando,
Alerta a vista, e os passos vagarosos,
Vão uns pequenos peixes apanhando,
Que para o gosto são deliciosos:
Em canoas também de quando em quando
Fisgam no anzol alguns, que por gulosos
Ficam perdendo aqui as próprias vidas,
Sem o exemplo quererem ter de Midas.

XIV

Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande cópia, e de casta vária,
Que para saciar ao apetitoso,
Não se duvida é cousa necessária:
Também se cria o lagostim gostoso,
Junto coa ostra, que por ordinária
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

XV

Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crus a cor pouco vistosa,
Logo vestem depois que são cozidos
A cor do nácar, ou da Tíria rosa:
Os cranguejos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,
Búzios também se vêem, de musgo sujos,
Cernambis, mexilhões e caramujos.

XVI

Também pertence aqui dizer ousado
Daquele peixe, que entre a fauce escura
O Profeta tragou Jonas sagrado,
Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
Porém sendo do Altíssimo mandado,
O tornou a lançar são sem lesura
(Conforme nos afirma a Antiguidade)
Em as praias de Nínive Cidade.

XVII

Monstro do mar, Gigante do profundo,
Uma torre nas ondas soçobrada,
Que parece em todo o âmbito rotundo
Jamais besta tão grande foi criada:
Os mares despedaça furibundo
Coa barbatana às vezes levantada,
Cujos membros tetérrimos e broncos
Fazem a Tétis dar gemidos roncous.

XVIII

Baleia vulgarmente lhe chamamos,
Que como só a esta Ilha se sujeita,
Por isso de direito a não deixamos,
Por ser em tudo a descrição perfeita;
E para que bem claro percebamos
O como a pescaria dela é feita,
Quero dar com estudo não ocioso
Esta breve notícia ao curioso.

XIX

Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro é movido,
Estando à vista de Terra já chegado,
Cujos sinais Netuno dá ferido,
Em um porto desta Ilha assinalado,
E de todo o preciso prevenido,
Estão umas lanchas leves e veleiras,
Que se fazem cos remos mais ligeiras.

XX

Os Nautas são Etíopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns Mestiços em a cor adustos,
Cada qual pelo esforço assinalado:
Outro ali vai também, que sem ter sustos
Leva o arpão da corda pendurado,
Também um, que no ofício a Glauco ofusca,
E para isto Brasília se busca.

XXI

Assim partem intrépidos sulcando
Os palácios da linda Panopéia,
Com cuidado solícito vigiando
Onde ressurge a sólida Baleia.
Ó gente, que furor tão execrando
A um perigo tal te sentençaia?
Como, pequeno bicho, és atrevido
Contra o monstro do mar mais desmedido?

XXII

Como não temes ser despedaçado
De um animal tão feio e tão imundo?
Por que queres ir ser precipitado
Nas íntimas entranhas do profundo?
Não temes, se é que vives em pecado,
Que o Criador do Céu e deste Mundo,
Que tem dos mares todos o governo,
Desse lago te mande ao lago Averno?

XXIII

Lá intentaram fortes os Gigantes
Subir soberbos ao Olimpo puro,
Acometeram outros de ignorantes
O Reino de Plutão horrendo e escuro;
E se estes atrevidos e arrogantes
O castigo tiveram grave e duro,
Como não temes tu ser castigado
Pelos monstros também do mar salgado?

XXIV

Mas enquanto com isto me detenho,
O temerário risco admoestando,
Eles de cima do ligeiro lenho
Vão a Baleia horrível avistando:
Pegam nos remos com forçoso empenho,
E todos juntos com furor remando
A seguem por detrás com tal cautela,
Que imperceptíveis chegam junto dela.

XXV

O arpão farpado tem nas mãos suspenso
Um, que da proa o vai arremessando,
Todos os mais deixando o remo extenso
Se vão na lancha súbito deitando;
E depois que ferido o peixe imenso
O veloz curso vai continuando,
Surge cad'um com fúria e força tanta,
Que como um Anteu forte se levanta.

XXVI

Corre o monstro com tal ferocidade,
Que vai partindo o úmido Elemento,
E lá do pego na concavidade
Parece mostra Tétis sentimento:
Leva a lancha com tal velocidade,
E com tão apressado movimento,
Que cá de longe apenas aparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.

XXVII

Qual o ligeiro pássaro amarrado
Com um fio sutil, em cuja ponta
Vai um papel pequeno pendurado,
Voa veloz sentindo aquela afronta,
E apenas o papel, que vai atado,
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe afrontado vai correndo
Em seus membros atada a lancha tendo.

XXVIII

Depois que com o curso dilatado
Algum tanto já vai desfalecendo,
Eles então com força e com cuidado
A corda pouco a pouco vão colhendo;
E tanto que se sente mais chegado,
Ainda com fúria os mares combatendo,
Nos membros moles lhe abre uma rotura
Um novo Aquiles c'ûa lança dura.

XXIX

Do golpe sai de sangue uma espadana,
Que vai tingindo o Oceano ambiente,
Com o qual se quebranta a fúria insana
Daquele horrível peixe, ou besta ingente;
E sem que pela plaga Americana
Passado tenha de Israel a gente,
A experiência e vista certifica
Que é o mar vermelho o mar de Itaparica.

XXX

Aos repetidos rasgos desta lança
A vital aura vai desamparando,
Té que fenece o monstro sem tardança,
Que antes andava os mares açoutando:
Eles puxando a corda com pujança
O vão da lancha mais perto arrastando,
Que se lhe fiou Cloto o longo fio,
Agora o colhe Láquesis com brio.

XXXI

Eis agora também no mar saltando
O que de Glauco tem a habilidade,
Com um agudo ferro vai furando
Dos queixos a voraz monstruosidade:
Com um cordel depois, grosso e não brando,
Da boca cerra-lhe a concavidade,
Que se o mar sorve no gasnate fundo
Bisca logo as entranhas do profundo.

XXXII

Tanto que a presa tem bem sojugada
Um sinal branco lançam vitoriosos,
E outra lancha para isto decretada
Vem socorrer com cabos mais forçosos:
Uma e outra se parte emparelhada,
Indo à vela, ou cos remos furiosos,
E pelo mar serenas navegando
Para terra se vão endireitando.

XXXIII

Cada um se mostra no remar constante,
Se lhe não tem o Zéfiro assoprado,
E com fadigas e suor bastante
Vem a tomar o porto desejado.
Deste em espaço não muito distante,
Em o terreno mais acomodado
Uma Trusátil máquina está posta
Só para esta função aqui deposta.

XXXIV

O pé surge da terra para fora
Uma versátil roda sustentando,
Em cujo âmbito longo se encoscora
Uma amarra, que a vai arrodando:
A esta mesma roda cá de fora
Homens dez vezes cinco estão virando,
E quanto mais a corda se repuxa,
Tanto mais para a terra o peixe puxa.

XXXV

Assim com esta indústria vão fazendo
Que se chegue ao lugar determinado,
E as enchentes Netuno recolhendo,
Vão subindo por um e outro lado:
Outros em borbotão já vêm trazendo
Facas luzidas, e o braçal machado,
E cada qual ligeiro se aparelha
Para o que seu ofício lhe aconselha.

XXXVI

Assim dispostos uns, que África cria,
 Dos membros nus, o couro denegrido,
 Os quais queimou Faeton, quando descia
 Do terrífico raio submergido,
 Com algazarra muita, e gritaria,
 Fazendo os instrumentos grão ruído,
 Uns aos outros em ordem vão seguindo,
 E os adiposos lombos dividindo.

XXXVII

O povo que se ajunta é infinito,
 E ali têm muitos sua dignidade,
 Os outros vêm do Comarcão distrito,
 E despovoam parte da Cidade:
 Retumba o ar com o contínuo grito,
 Soa das penhas a concavidade,
 E entre eles todos tal furor se acende,
 Que às vezes um ao outro não se entende.

XXXVIII

Qual em Babel o povo, que atrevido
 Tentou subir ao Olimpo transparente,
 Cujo idioma próprio pervertido
 Foi numa confusão balbuciente,
 Tal nesta torre, ou monstro desmedido,
 Levanta as vozes a confusa gente,
 Que seguindo cad'um diverso dogma
 Falar parece então noutra idioma.

XXXIX

Desta maneira o peixe se reparte
 Por toda aquela cobiçosa gente,
 Cabendo a cada qual aquela parte,
 Que lhe foi consignada do regente:
 As banhas todas se depõem à parte,
 Que juntas formam um acervo ingente,
 Das quais se faz azeite em grande cópia,
 Do que esta Terra não padece inófia.

XL

Em vasos de metal largos e fundos
 O estão com fortes chamas derretendo
 De uns pedaços pequenos, e fecundos,
 Que o fluido licor vão escorrendo:
 São uns feios Etíopes, e imundos,
 Os que estão este ofício vil fazendo,
 Cujos membros de azeite andam untados,
 Das cirandagens salpicados.

XLI

Este peixe, este monstro agigantado
 Por ser tão grande tem valia tanta,
 Que o valor a que chega costumado
 Até quase mil áureos se levanta.
 Quem de ouvir tanto não sai admirado?
 Quem de um peixe tão grande não se espanta?
 Mas enquanto o Leitor fica pasmando,
 Eu vou diversas cousas relatando.

XLII

Em um extremo desta mesma Terra
 Está um forte soberbo fabricado,
 Cujas bombarda, ou máquina de guerra,
 Abala a Ilha de um e outro lado:
 Tão grande fortaleza em si encerra
 De artilharia, e esforço tão sobrado,
 Que retumbando o bronze furibundo
 Faz ameaça à terra, ao mar, ao Mundo.

XLIII

Não há nesta Ilha engenho fabricado
 Dos que o açúcar fazem saboroso,
 Porque um, que ainda estava levantado,
 Fez nele o seu ofício o tempo iroso:
 Outros houve também, que o duro fado
 Por terra pôs, cruel e rigoroso,
 E ainda hoje um, que foi mais soberano,
 Pendura as cinzas por painel Troiano.

XLIV

Claras as águas são, e transparentes,
Que de si manam copiosas fontes,
Umam regam os vales adjacentes,
Outras descendo vêm dos altos montes;
E quando com seus raios refulgentes,
As doura Febo abrindo os Horizontes,
Tão cristalinas são, que aqui difusa
Parece nasce a fonte da Aretusa.

XLV

Pela relva do campo mais viçoso
O gado junto e pingue anda pastando,
O roubador de Europa furioso,
E o que deu o véu de ouro em outro bando,
O bruto de Netuno generoso
Vai as areias soltas levantando,
E nos bosques as feras Ateonéias
A República trilham das Napéias.

XLVI

Aqui o campo florido se semeia
De brancas açucenas e boninas,
Ali no prado a rosa mais franqueia
Olorizando as horas matutinas:
E quando Clóris mais se galanteia,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O clavel, e o jasmim, que está pendendo.

XLVII

As frutas se produzem copiosas,
De várias castas e de várias cores,
Umam se estimam muito por cheirosas,
Outras levam ventagem nos sabores:
São tão belas, tão lindas e formosas,
Que estão causando à vista mil amores,
E se nos prados Flora mais blasona,
São os pomares glória de Pomona.

XLVIII

Entre elas todas têm lugar subido
As uvas doces, que esta Terra cria,
De tal sorte, que em número crescido
Participa de muitas a Bahia:
Este fruto se gera apetecido
Duas vezes no ano sem profia,
E por isso é do povo celebrado,
E em toda a parte sempre nomeado.

XLIX

Os coqueiros compridos e vistosos
Estão por reta série ali plantados,
Criam cocos galhardos, e formosos,
E por maiores são mais estimados:
Produzem-se nas praias copiosos,
E por isso os daqui mais procurados,
Cedem na vastidão à bananeira,
A qual cresce e produz desta maneira.

L

De uma lança ao tamanho se levanta,
Estúpeo e roliço o tronco tendo,
As lisas folhas têm grandeza tanta,
Que até mais de onze palmos vão crescendo:
Da raiz se lhe erige nova planta,
Que está o parto futuro prometendo,
E assim que o fruto lhe sazona e cresce,
Como das plantas víbora fenece.

LI

Os limões doces muito apetecidos
Estão Virgíneas tetas imitando,
E quando se vêem crespos e crescidos,
Vão as mãos curiosas incitando:
Em árvores copadas, que estendidos
Os galhos têm, e as ramas arrastando,
Se produzem as cidras amarelas,
Sendo tão presumidas como belas.

LII

A laranjeira tem no fruto louro
A imitação dos pomos de Atalanta,
E pela cor, que em si conserva de ouro,
Por isso estimação merece tanta:
Abre a romã da casca o seu tesouro,
Que do rubi a cor flamante espanta,
E quanto mais os bagos vai fendendo,
Tanto vai mais formosa parecendo.

LIII

Os melões excelentes e olorosos
Fazem dos próprios ramos galaria:
Também estende os seus muito viçosos
A pevidosa e doce melancia:
Os figos de cor roxa graciosos
Poucos se logram, salvo se à profia
Se defendem de que com os biquinhos
Os vão picando os leves passarinhos.

LIV

No ananás se vê como formada
Uma coroa de espinhos graciosa,
A superfície tendo matizada
Da cor, que Citeréia deu à rosa;
E sustentando a croa levantada
Junto coa vestidura decorosa,
Está mostrando tanta gravidade,
Que as frutas lhe tributam Majestade.

LV

Também entre as mais frutas as jaqueiras
Dão pelo tronco a jaca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta Província é fruta desejada:
Não fiquem esquecidas as mangueiras,
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só ao gosto delicioso,
Mas para o cheiro almíscar oloroso.

LVI

Inumeráveis são os cajus belos,
Que estão dando prazer por rubicundos,
Na cor também há muitos amarelos,
E uns e outros ao gosto são jucundos;
E só bastava para apeteçê-los
Serem além de doces tão fecundos,
Que em si têm a Brasília castanha
Mais saborosa que a que cria Espanha.

LVII

Os araçás diversos e silvestres,
Uns são pequenos, outros são maiores:
Oitis, cajás, pitangas, por agrestes,
Estimadas não são dos moradores:
Aos marujás chamar quero celestes,
Porque contêm no gosto tais primores,
Que se os Antigos na Ásia os encontraram,
Que era o néctar de Jove imaginaram.

LVIII

Outras frutas dissera, mas agora
Têm lugar os legumes saborosos,
Porém por não fazer nisto demora
Deixo esta explicação aos curiosos;
Mas contudo dizer quero por ora
Que produz esta Terra copiosos
Mandioca, inhames, favas e carás,
Batatas, milho, arroz e mangarás.

LIX

O arvoredo desta Ilha rica e bela
Em circuito toda a vai ornando,
De tal maneira, que só basta vê-la
Quando já está alegrias convidando:
Os passarinhos que se criam nela
De raminho em raminho andam cantando,
E nos bosques e brenhas não se engana
Quem exercita o ofício de Diana.

LX

Tem duas Freguesias muito extensas,
Das quais uma Matriz mais soberana
Se dedica ao Redentor, que a expensas
De seu Sangue remiu a prole humana;
E ainda que do tempo sinta ofensas
A devoção com ela não se engana,
Porque tem uma Imagem milagrosa
Da Santa Vera-Cruz para ditosa.

LXI

A Santo Amaro a outra se dedica,
A quem venerações o povo rende,
Sendo tão grande a Ilha *Itaparica*,
Que a uma só Paróquia não se estende:
Mas com estas Igrejas só não fica,
Porque Capelas muitas compreende,
E nisto mostram seus habitadores
Como dos Santos são veneradores.

LXII

Dedica-se a primeira àquele Santo
Mártir, que em vivas chamas foi aflito,
E ao Tirano causou terror e espanto,
Quando por Cristo foi assado e frito.
Também não fique fora de meu canto
Uma, que se consagra a João bendito,
E outra (correndo a Costa para baixo)
Que à Senhora se dá do Bom Despacho.

LXIII

Outra a Antônio Santo e glorioso
Tem por seu Padroeiro e Advogado,
Está fundada num sítio delicioso,
Que por esta Capela é mais amado.
Em um terreno alegre e gracioso
Outra se fabricou de muito agrado,
Das Mercês à Senhora verdadeira
É desta Capelinha a Padroeira.

LXIV

Também outra se vê, que é dedicada
À Senhora da penha milagrosa,
A qual airoosamente situada
Está numa planície especiosa.
Uma também de São José chamada
Há nesta Ilha, por certo gloriosa,
Junta com outra de João, que sendo
Duas, se vai de todo engrandecendo.

LXV

Até aqui, Musa; não me é permitido
Que passe mais avante a veloz pena,
A minha Pátria tenho definido
Com esta descrição breve, e pequena;
E se o tê-la tão pouco engrandecido
Não me louva, mas antes me condena,
Não usei termos de Poeta esperto,
Fui historiador em tudo certo.

Referências bibliográficas

- AMADO, James. Ed. *Obras completas de Gregório de Matos: Crônica do viver baiano seiscentista*. Cidade da Bahia: Janaína, 1969. 7v.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca lusitana*. Lisboa: Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, 1741 (v.1); Oficina de Inácio Rodrigues, 1747 (v.2) e 1752 (v.3); Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759 (v.4). 4v.
- MORAIS FILHO, Melo. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885. 2v.
- OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Música do parnasso*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia barroca: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843 (v.1) e 1848 (v.2). 2v.
- TOPA, Francisco. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Porto: Edição do Autor, 1999. 4v.